

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte *Falha de S. Paulo*

Class.: *PIX 73*

Data *24/12/79*

Pg.:

Sueco denuncia corrupção na Funai

Fita gravada por Arne Sucksdorff envolve terras do Parque Nacional do Xingu

JOSÉ CALIXTO DE ALENCAR, nosso correspondente

CUIABÁ — "Vou te contar o que está acontecendo na Funai. Lá dentro existem três correntes antagonicas que brigam entre si... ganha a Laia, ganha o Querino, ganha o Getúlio, ganha o advogado que trabalha para o irmão do Getúlio, ganha todo o mundo. Você está entendendo como é? Quem me orientou e me mandou aqui? Como é que eu podia advinhar que existia um Arne Sucksdorff no mundo?"

Este é um trecho da conversa que o advogado Armando Conceição — orientado e enviado pelo procurador-geral da Funai, Getúlio de Barros Barreto — teve com o naturalista e cinegrafista sueco Arne Sucksdorff, nos dias 7 e 8 de setembro de 1976, em Cuiabá, quando o advogado apresentou a Arne uma "solução" para os 60 mil hectares de terras de sua propriedade que estão em litígio com a Funai desde 1971. A proposta, feita em nome de três funcionários da Funai, compreendia a doação de 20 por cento do total das terras que conseguissem título definitivo de propriedade e 50 por cento do total da parte que conseguisse título provisório. Essas terras seriam mais tarde divididas entre os funcionários da Funai e o advogado Armando Conceição.

Parte da conversa — que foi gravada sigilosamente pelo naturalista — reproduzimos abaixo em quatro tópicos, que foram entregues à "Folha" pelo próprio Arne Sucksdorff.

A "SOLUÇÃO"

Arne Sucksdorff, há dez anos em Mato Grosso, havia recebido em 1970 uma área de terras (60 mil hectares) como doação de um grupo de industriais suecos que, por sua vez, havia adquirido a mesma área em 1958 junto ao governo do Estado. Apesar dos títulos definitivos que lhe foram legalmente transferidos — conforme atesta ampla documentação em seu poder — o naturalista teve suas terras embargadas pela Funai, como sendo propriedade indígena.

Estranhamente, em novembro de 1975 e janeiro de 76, Arne Sucksdorff conta que recebeu a visita de "compradores paulistas" para suas terras que, segundo ele, se mostraram a par de toda a situação e que, apesar de saberem que as terras estavam embargadas pela Funai, propunham-lhe a compra, por um preço irrisório.

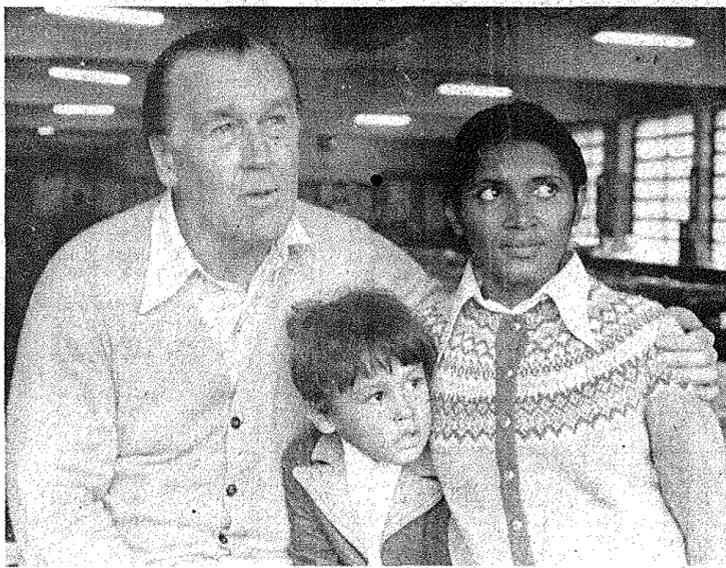
Depois de levar duas vezes ao Ministério do Interior e à Funai o seu problema, tentando solucionar o litígio, Arne Sucksdorff recebeu a visita do dr. Armando Conceição, recomendado pelo procurador-geral da Funai, Getúlio Barreto, "para tratar de negócios de seu interesse".

Como já estava desconfiado desde as duas primeiras visitas, Sucksdorff montou um esquema de escuta em sua residência, à rua 13 de junho, 2577-A, em Cuiabá, com três testemunhas escondidas, e durante dois dias gravou cerca de três horas da conversa que manteve, junto com sua esposa, Maria da Graça de Jesus, com o "emissário da Funai", que lhe propôs a solução do problema se o naturalista concordasse em pagar comissões que seriam divididas entre diversos funcionários da Funai, e, mais tarde, a proposta de entregar 20 por cento das terras que conseguisse título definitivo de propriedade e 50 por cento das que conseguisse título provisório.

CONFISCO

As fitas gravadas na presença de Haroldo Moraes, Maria Aparecida Lopes e Luiz Antonio da Cunha Neves, foram, mais tarde, confiscadas pela Polícia Federal que, obedecendo "ordens de Brasília", invadiu a residência de Arne Sucksdorff e abriu inquérito contra o naturalista e sua esposa por fazer gravações sigilosas. Antes, porém, Arne havia tirado cópias das fitas, que foram transcritas em Cartório e depois depositadas no cofre da Embaixada da Suécia, em Brasília. Arne teve ainda o cuidado de submeter as fitas ao exame de perícia do próprio Serviço Nacional de Informações que, segundo atesta, reconheceu sua autenticidade.

Arne conta ainda que "o dr. Armando, quando percebeu que não conseguiria chegar a um acordo conosco, pela primeira vez, ficou nervoso, rasgou o documento que tinha em mãos (uma cópia cartográfica das terras de



O naturalista Arne Sucksdorff, sua mulher Maria da Graça e um filho do casal.

Arne) e jogou os pedaços na cesta de lixo. Minha mulher os reuniu, juntando-os novamente com fita colante para filme 16mm. Desse documento depreendeu-se que o subestabelecimento das terras seria dividido entre o dr. Armando e um outro advogado, dr. Rui Jorge Pereira Filho, brasileiro, solteiro, com escritório em Brasília, Edifício Central, grupo 1004".

Das declarações do advogado Armando Conceição, Arne Sucksdorff diz ter chegado à conclusão de que o dr. Carlos E.P. Barreto, citado durante a conversa, é irmão do dr. Getúlio de Barros Barreto; o dr. Rui Jorge é sócio do dr. Carlos E.P. Barreto e que era no escritório dos advogados que Armando Conceição realizava suas transações.

"Você não pode abrir a boca e contar tudo"

Eis os principais trechos da gravação da qual participaram Arne Sucksdorff, sua mulher Maria da Graça de Jesus e o advogado Armando Conceição:

Dr. Armando — Al não dá. Al o Arne manda...

Maria — Naquela época em que falaram que a terra ia ficar liberada, que a gente podia gastar tudo que tinhamos, tomar posse...

Dr. Armando — Maria, olha...

Maria — Getúlio estava sentando aqui...

Dr. Armando — Maria, eu vou dizer uma coisa para você: você sabe por que não vai ser liberada estas terras? por causa dos antropólogos...

Arne — Mas Deus me livre. Não é terra indígena...

Dr. Armando — Pois é eu sei, mas os antropólogos... eu tive conversando muito com o Getúlio a esse respeito...

Arne — Mas eles acham que tem um "consenso histórico" indígena. Mas todo Brasil tem.

Maria — Porque, inclusive, a última vez que Arne esteve com — como se chama esse último chefe? Sídney não é — ele falou que essa zona ia ser "zona de transição". Quem vai respeitar essa zona de transição?

Dr. Armando — Vocês querem tomar medidas objetivas e práticas ou querem ficar no terreno da fantasia?

Arne — Não.

Dr. Armando — Isso aí é diferente. Quer tomar medidas objetivas e práticas, vamos iniciar o troço. Depois no decorrer do movimento, vamos ver como é que o troço fica. Tá certo? Eu acho que é a parte mais interessante, e não deve deixar parado.

Arne — Pode... Eu estava pensando muito esta noite sobre esse problema... Nós queremos mesmo estabelecer junto com SEMA, ou IBDF um lugar para fazer pesquisa, para proteger a natureza, será capaz o da Agricultura...?

Dr. Armando — Um parque florestal, mas que não venha a ser reserva de índio, um parque florestal.

Maria — Pois é, uma pequena reserva.

Dr. Armando — É isso aí, você deve encarar como um negócio particular de vocês, para vocês apurarem um dinheiro ou receberem uma terra, de vocês, e não misturar com negócio de pesquisa, nem nada, porque se mistura as coisas, não funciona.

Arne — Não, eu acho que também não. Porque todo nosso sonho em fazer uma contribuição nessa maneira, acabou, porque só encontramos dificuldades.

Maria — Cada vez mais dificuldades.

Arne — E está ficando cada vez mais enrolado, mais enrolado. Agora que é muito importante para nós. Se nós vamos pagar 30 por cento, nos vamos ficar sem terra... muito pouca terra para estabelecer, realizar nosso plano.

Dr. Armando — Mas ali vocês não vão realizar nunca. Arne — Nunca?

Dr. Armando — Ali dentro do parque, não.

Arne — Não, não dentro, mas o pagamento...

Dr. Armando — Mas então quanto é que você quer pagar então, fala. Em dinheiro eu não quero, quero porcentagem para ter interesse no negócio.

Arne — Não, o que eu quero, eu vou fazer essa proposta: se nós pagarmos 20 por cento desse título e 50 por cento dos títulos provisórios...

Dr. Armando — Quanto?

Arne — 20 por cento desses títulos

Maria — Títulos definitivos.

Dr. Armando — E 50 por cento dos títulos provisórios?

Maria — Provisórios.

Dr. Armando — Certo.

Arne — Porque dessa maneira...

Dr. Armando — Bom, eu vou então, bom, eu, da minha parte, estou interessado em um pouco mais... ou um pouco menos, quer dizer, eu tenho que acertar com o Getúlio lá, porque, veja Maria, se eu pego os 20 e dou 15 para ele, fico só com cinco, e tudo isso quem está trabalhando sou eu. Você vê...

Maria — O senhor vai dar 15 por cento para eles (risos).

Dr. Armando — Mas é para dividir.

Maria — Para dividir entre a turma da Funai.

Dr. Armando — Ganha a Laia, ganha o Querino, ganha o Getúlio, ganha o advogado que trabalho com o irmão do Getúlio, ganha todo mundo. Você está entendendo como é?

Maria — Você sabe o que eu acho estranho aí? Antigamente, o dr. Getúlio sempre falava assim: vocês não devem meter esse caso judicialmente, porque vão apenas perder tempo.

Dr. Armando — Mas venha cá, outa, e quem é que me orientou e me mandou aqui, como é que eu ia advinhar que existia um Arne Sucksdorff no mundo?...

Arne — Quem fez isso?

Dr. Armando — Getúlio (risos).

Maria — E difícil encarar essas coisas, não é?

Dr. Armando — Entendeu Maria?

Arne — Mas não, eu também, vai confessar e Maria também está um pouco... eu gosto deste país, mas, apesar, isso...

Dr. Armando — A corrupção...

Arne — Eu amo o Brasil muito. Eu amo o Brasil suficiente para ficar contra essas coisas. Você entende? Porque está sofrendo não é só eu, é você, o povo brasileiro, é o próprio índio que está sofrendo.

Dr. Armando — Arne, lá na Barra eu comprava a Cr\$ 5,00 o hectare, quando fui para lá. Eu por azar comprei 20 e tantos mil hectares dos quais 15 mil ficou dentro dos índios. Hoje, eu vendi uma partezinha para poder pagar uma dívida a Cr\$ 1.000,00 o hectare. Quer dizer, então, perdi 15 milhões de cruzeiros. Deixei de ganhar, não é que perdi, e ainda o juro que paguei e tou lutando todos esses anos. Não deu para ficar rico. Errei, a minha mulher se queixa, poxa, perdeu lá todo esse tempo e tal, e aconteceu isso. Mas eu tive lá. Não é uma infelicidade fazer parte para os índios 15 mil hectares? Tenho mais 5 e 10 mil em Couto Magalhães. É uma infelicidade. Que, felizmente, eu sou brasileiro daqueles que...

Arne — Eu, eu e Maria tinha tanta confiança em Orlando Villas-Boas. Tanta confiança em Getúlio de Barros Barreto, tanta confiança em todo esse povo, você sabe...

Dr. Armando — Agora, tu não podes abrir a boca e dizer pro Getúlio que ele está no meio, porque tu compromete ele, ele perde a posição dele, estraga parte do negócio, não pode falar...

Arne — Não, não, eu sei isso também.

Dr. Armando — Eu posso levá-lo no escritório do irmão dele, porque vou tirar a procuração, subestabelecimento, no meu nome e no do advogado que trabalha com ele, não vai ser só no meu nome, veja bem, eu posso lhe apresentar, lá no escritório do irmão dele, você confere o sobrenome, vê se é igualzinho, mas tu não pode dizer lá nem esse troço, está entendendo, porque não tem só o seu, tem uma porção de outros.

Arne — Não, eu recebi muito tempo atrás, um ano atrás, uma carta do Ministério do Interior, meu amigo Paulo Moutier Neto, ele escreveu para mim: "Ele acha que é muito bom que vai negociar com a Funai e falar com o presidente, general Ismarth... Eu acho que falou. Mas, ele falou, eu fiquei muito assustado, mas precisa ser feito tudo honestamente, mas pra que isto...? Mas honestamente, se existe outras possibilidades? Parece que só existe possibilidades desonestas.

Dr. Armando — Desonestas. Maria, olha aqui, isso aqui foi o cartógrafo da Funai que fez. Eu paguei dez mil por ele. Sim, mas ele me fez o serviço perfeito. Olha aqui. Ele fez o serviço em casa. Aqui são as três situações do parque. Como era o primeiro, como ficou sendo no segundo, isto vermelho, e agora como ficou no terceiro, é do verde...

Maria — O verde... Essa parte do norte, então, os donos... é da União ou é dos donos da terra?

Dr. Armando — Não. É área interdiada.

Arne — E indígena.

Dr. Armando — Não é parque, mas é área indígena.

Arne — E indígena e vai voltar para a União.

Maria — E da União, não é? Pois é. Eu tenho um padrinho que é dono de 120 mil hectares aqui no Norte.

Dr. Armando — Como é o nome dele?

Maria — Odenir Vandoni...

"Na Funai, há correntes antagonicas"

Arne — A última vez, quando ficou muito desconfiado, quando eu falei com a dra. Laia.

Dr. Armando — Laia. Arne — Laia é o nome dela, é que me esqueço, ela falou para mim, mas sua terra tem um "consenso histórico".

Maria — Consenso Histórico.

Arne — Consenso Histórico... Eu não. Eu descobri que, mais tarde, tudo está errado, mas...

Dr. Armando — Eu posso te falar uma coisa?

Arne — Sim.

Dr. Armando — Você tem que fazer o seguinte, Arne. Você, por exemplo, tem que conversar com uma pessoa, não adianta conversar com um montão não... Vou te explicar o que está acontecendo na Funai.

A Laia tem o grupo que está com ela, tá entendendo? Que ela quer ver se libera o parque, para poder comprar estes títulos antes... Depois liberar, livrar e comprar na "bacia das almas"... Arne — Sim, sim... Dr. Armando — Tá entendendo?

Arne — Também no ponto de vista de política externa...

Dr. Armando — E, tá certo... pois é... e, por sua vez, os antropólogos não querem diminuir o parque.

Arne — Não, não.

Dr. Armando — Então, lá dentro mesmo da Funai, existe três ou quatro correntes antagonicas que brigam entre eles para ver se dá uma solução. Então, quem vai solucionar isto para nós? Nós vamos através do Poder Judiciário, porque a desapropriação, a rigor, quem promove é o Estado, ou o Poder Público, vamos dizer assim, pode ser a prefeitura, ou o Estado de Mato Grosso, ou o Governo Federal, ou uma autarquia ou alguma fundação como a Funai...

"Há alguém que lute pelos índios?". Não

Arne — Você acha que ela (Funai) vai fazer este levantamento honesto?

Dr. Armando — Olha, eu vou dizer uma coisa, Arne: se vão ou não, eu não sei; pra "nós" eles vão porque eu estou te dizendo, esta planta me custou 10 mil cruzeiros na cartografia (Departamento da Funai). Este dinheiro, Arne, quando eu receber esta parte que vou ter no negócio, eu já gastei um bocadinho de dinheiro, porque esta gente prefere rápido, uma coisa em clima da outra e não esperar para o fim sou eu. Esta planta, para fazer esta porcariazinha aqui, o cara me cobrou dez mil cruzeiros, tá entendendo? Tá, para você ver.

Arne — Tá bom...

Dr. Armando — Agora, se você quiser uma planta dessa, eu tenho a vegetal, eu mando tirar uma cópia heliográfica e te mando.

Arne — Sim, tá... tá.

Dr. Armando — Ora, você vê porque tudo isto dá despesa, quanto você pensa que me custou uma viagem a Cuiabá? Só a passagem eu paguei Cr\$ 2.460,00.

Arne — Eu sei, eu sei, é horrível.

Dr. Armando — Aquele ano negro, vê, foi me vender logo aqui no meio dos índios. Pá... pá...

Arne — Mas você tem certeza de ganhar esta?

Dr. Armando — Mas você acha que eu ia arriscar dinheiro se eu não tivesse? Arne — Não, Maria... Dr. Armando — Eu tenho certeza, porque, por causa do...

Maria — Transação dentro da...

Dr. Armando — E, você acha que...

Maria — E será que este povo vai vender mesmo?

Dr. Armando — Maria, estou gastando, não estou?

Maria — E a dra. Laia, será que ela vai...?

Dr. Armando — Dra. Laia tem interesse é que desligue, mas ela tem outra jogada. Mas acho difícil, porque não é orientação do ministro, não é orientação dos antropólogos, não é orientação do presidente da Funai. Pode ser amanhã, mudando o ministro, mudando o ministro, mudando o... mude-se também a situação. Vê se me entende!

Arne — Quer café?

Dr. Armando — Quero. Por enquanto eu não creio, Maria.

Maria — Quer dizer que não existe ninguém puro lá dentro?... (risos).

Dr. Armando — Existe alguém puro, Maria (tom de galhofa — risos).

Maria — Não, mas ninguém que tenha verdadeiramente amor para os índios, que está lutando com isso pelo amor aos índios?

Dr. Armando — Que nada. Que nada. Os índios vivem na porta de minha fazenda com fome, eu dando coisas para eles. Eu tenho uma fazenda, viu Maria, eu levo você e o Arne na minha fazenda...

Maria — Barra do Bugres?

Dr. Armando — Não, Barra do Garças.

"O Brasil é assim, desde que é Brasil"

Arne — Estou muito revoltado destas coisas com a Funai. Dr. Armando — Mas acontece que a Funai é assim... Eu falei, eu posso dar a minha, que é mais difícil que a sua, vou ter que dar 50 por cento, e é minha.

Arne — Horrível.

Dr. Armando — Você, sabe o que é, Arne, por exemplo, naquele outro parque, que diz o Jaime Cortez que uma grande parte é terra ocupada pelos índios, então tem uma pequena parte que não é. Para dizer que o meu está dentro da pequena parte, eu preciso me juntar com o cartógrafo (tosse, tosse)... com Laia, com o Getúlio, com todo mundo, com antropólogos. Tá entendendo? E o que eu digo: um quer 100, outro quer 50, outro quer... não é? Mas no fim consigo tirar de dentro. Você está entendendo? É isso...

Arne — Eu acho um panorama...

Dr. Armando — Para dizer que a pequena parte é exatamente onde está metida.

Arne — Eu acho um panorama muito triste.

Dr. Armando — Mas é assim. Que é que você quer? O Brasil é assim desde que é Brasil. No mundo inteiro é assim. Você vê o caso do príncipe da Holanda...

Da Suécia para o Pantanal

Arne Sucksdorff, nascido em Estocolmo, Suécia, em 1917, está há dez anos no Estado do Mato Grosso, onde desenvolve pesquisas na fauna e flora do Pantanal. Cinegrafista, detentor de um "Oscar" da Academia Cinematográfica de Hollywood e de um "Grand Prix", em Cannes, por suas curtas-metragens, Arne veio para o Rio de Janeiro em 1962 para participar de um seminário sobre cinema, tomando assim contato com o chamado "cinema novo brasileiro" e iniciando assim suas pesquisas pelo Brasil.

No período de 1964-65, o cinegrafista realizou um longa-metragem — "Meu Lar é Copacabana", sobre as crianças abandonadas no Rio de Janeiro e chegou a ter suas atividades investigadas por suspeita de participação

subversiva, o que ele nega dizendo que nada ficou comprovado. No mesmo ano, foi para Mato Grosso, onde montou seu ponto de apoio para as pesquisas no Pantanal. Em 1967, emigrou definitivamente para o Brasil e, dois anos depois, casou com uma engenheira agrônoma cuiabana, Maria da Graça de Jesus, com a qual tem dois filhos.

Em 1970, um grupo de industriais suecos doou a Arne e sua esposa 60 mil hectares de terras no norte de Mato Grosso, dado seu interesse em pesquisar a fauna e flora. Em 1971, entretanto, a Funai resolveu ampliar a área do Parque Nacional do Xingu em cerca de 1 milhão de hectares, nos quais suas terras e de mais 100 proprietários foram englobadas.